

# A NOITE SÓ COMEÇA DEPOIS DO CINEMA

Eguimar Felício Chaveiro

[Doutor em Geografia Humana - Livre-docente da UFG/Universidade Federal de Goiás]

Um dia. Um dia qualquer. Cedo, ainda com os olhos embaçados, se vê aturdido com o que terá que fazer. Vai para o café no automático, até o sapato caminha anestesiado. Com pressa, suga o precioso líquido mastigando o pão com os lábios suspensos. Nem se importa com o farelo do pão esparramado na camisa polo. Mastigar – pensa com rapidez – poderia ser a melhor metáfora para a sua indignação calada. Escova os dentes e esquece de olhar o rosto no espelho.

Quando pega a chave da ignição, atenta-se que não penteou os cabelos.

Passa as mãos nos seus fachos ralos com a mesma pressa que organiza o retrovisor.

No traslado da casa para o escritório, depois de passar a mão na cabeça procurando um alívio, perscruta em forma de pergunta:

*“como vou enfrentar o chefe?”* A pergunta revolve na cabeça e dela surge o achado matutino:

a distância entre a raiva e a prudência é a mesma que há entre a omissão e a coragem.

Elabora uma síntese torta: o chefe sempre está com os nervos à flor da mercadoria. E essa, a mercadoria, comanda o olhar, o desejo, a moradia, a engrenagem que destrói rios, aquíferos, florestas, animais, almas humanas.

Interroga novamente: *“como vou enfrentar o chefe à flor de mercadoria?”*.

Liga o carro, retesa o corpo, pisa no acelerador... O trânsito tem um céu próprio. Ele prova que o inferno é feito de buzinas e pressa. Procura se acalmar, aciona o botão do rádio. Neste exato momento o locutor, com voz severa e paramentada, salienta:

*“a guerra continua”*. Essa frase, óbvia e desprezível, lhe pega pelas calças, pelos cabelos, pelo nariz, pela boca...

Alguma coisa severa abre alas em seu pensamento que, no momento, viaja fundo. A guerra é isso: um documento de que a indústria armamentista, as disputas religiosas, as estratégias econômicas, as dissimulações das instituições que comandam o mundo, servem de Deus para proclamarem a morte como recurso de poder. Definiu para si:

*“a minha consciência não pode ficar fora dessa batalha”*. Incha o peito e diz *“eu estou na guerra!”*

Organiza a respiração reconhecendo que ela estava caminhando no ritmo do trânsito. Põe as mãos no queixo rastelando, com os dedos da mão direita, o fiapo da barba mal cozida. À frente, uma moça galopa, a pé, com livros debaixo do braço, certamente está atrasada para entrar na escola. Vai dizer – pensou – que sofre de insônia e trepidação nervosa aos domingos.

Um garoto, espantado e torto, equilibra a mochila nas costas. Um senhor, com cabelos pintados e nariz de navio, embora lento, anda com passos ressabiados com a bíblia exposta. Está teso. Cristo é a sua condecoração.

Olha o relógio no automático e percebe que não assimilou o horário. Olha novamente. Vai chegar.

A imagem do chefe à flor de mercadoria, como um macarrão instantâneo, se lhe chega espumando as ventas.

Sente raiva e dor. Sente-se indefeso e só. Recalcula a imagem: pensa na esposa, nos filhos, nas férias. Há uns probleminhas, ou problemões: a filha mais nova não sai do quarto; o filho do meio é alérgico a tudo; a mais velha, essa sim, quer ser atriz de teatro – e até sabe falar a palavra Shakespeare.

A esposa cede ao comum e no comum, pátria diária, lhe recebe depois do trabalho.

Ajuíza que é necessário suportar o momento e outros, até que lhe surja uma coragem para indignar-se, para enfrentar, para dedicar-se a si, enfim, para ser solidário consigo mesmo. Aliás, de súbito, lembra o que havia escutado há muito tempo na sala do dentista: *“quem não se importa consigo dissimula qualquer bondade com o outro”*.

A imagem da guerra retorna como um vulto viril: *“é possível haver bondade neste mundo?”*

Depois da pergunta, encosta o carro no pátio reservado aos trabalhadores da repartição.

Desliga o rádio, resfolega-se, olha o horizonte da manhã proletária. Resolve enfrentar o chefe com nervos à flor de mercadoria, o enfrentará com graça. Já decidiu: à noite, depois da janta, convidará toda a família para ver “os tempos modernos”, de Chaplin.

A assinatura é simples: a noite só começa depois do cinema.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.